

## A ATIVIDADE ESPORTIVA E SUA INFLUÊNCIA NA IMAGEM CORPORAL DO ADOLESCENTE COM DEFICIÊNCIA FÍSICA: UM ESTUDO DE DOIS CASOS.

### *THE SPORTS ACTIVITY AND ITS INFLUENCE ON BODY IMAGE OF ADOLESCENTS WITH DISABILITIES: A STUDY OF TWO CASES.*

Valéria Leite Soares

Universidade Federal da Paraíba

Silvana Maria Blascovi-Assis

Universidade Presbiteriana Mackenzie

#### Sobre os autores

##### **Valéria Leite Soares**

Terapeuta Ocupacional graduada pela FRASCE-RJ. Pós graduada em Educação Física Adaptada UGF-RJ, em Psicopedagogia UGF-RJ e em Educação e Sociedade UNINCOR- MG. Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento UPM-SP. Professora do curso de Terapia Ocupacional da UFPB-PB. Universidade Federal da Paraíba [valeriasoaresl@hotmail.com](mailto:valeriasoaresl@hotmail.com)

##### **Silvana Maria Blascovi-Assis**

Fisioterapeuta pela PUC Campinas, Mestre e Doutora em Educação Física pela UNICAMP. Professor Adjunto II do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento e do Curso de Fisioterapia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. [ccbs.fisioterapia@mackenzie.br](mailto:ccbs.fisioterapia@mackenzie.br)

#### RESUMO

Esta análise de dois estudos de caso, embasados em pressupostos teóricos, teve por objetivo investigar as influências da atividade esportiva no desenvolvimento da imagem corporal do adolescente com deficiência física. Caso 1: adolescente de 14 anos; sexo feminino; diagnóstico de focomielia devido ao uso de talidomida durante a gestação materna e que tem como seqüela má formação congênita bilateral de membros superiores. Caso 2: adolescente de 12 anos; sexo masculino; diagnóstico de picnodisostose, baixa estatura, fragilidade óssea, exoftalmia bilateral, fronte ampla, braquicefalia, e bracdactilia, entre outras características. As atividades esportivas realizadas eram a natação e o futsal, respectivamente. Os dados foram coletados através do relato verbal e da observação dos sujeitos inseridos nas atividades referidas em locais da comunidade com práticas inclusivas. Os resultados obtidos evidenciaram que a prática esportiva, nos dois casos, influenciou positivamente na imagem corporal destes adolescentes favorecendo o desenvolvimento biopsicossocial e o processo de inclusão social.

**Palavras-chave:** Adolescência; deficiência física; atividade esportiva; imagem corporal

#### ABSTRACT

This analysis of two case studies, sound theoretical assumptions, had intended to investigate the influence of sports activities in the development of adolescent body image with physical disabilities. Case 1: adolescent of 14 years; female; diagnosis of focomielia due to the use of Thalidomide during pregnancy and which has the sequel bad training congenital bilateral upper limbs; Case 2: adolescent of 12 years; males; diagnosis of picnodisostose, short stature, bone fragility, exophthalmos fronte broad bilateral, brachycephaly, and bracdactilia, among other features. The sports activities held were swimming and futsal, respectively. The data were collected through verbal reporting and observation of the subject entered in the activities referred to in the local community with practices inclusive. The results showed that the practice of sport, in both cases, a positive influence on body image of these adolescents biopsychosocial favouring the development and the social inclusion process.

**Keywords:** Adolescence; physical disability; sports activity; body image.

## 1-INTRODUÇÃO

A adolescência é caracterizada por uma fase de transição entre a infância e a idade adulta. É um período no qual acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas, comportamentais e sociais.

A imagem corporal passa a ser alvo de preocupação e valorização, o jovem idealiza para si os padrões de beleza que são estabelecidos em seu meio sócio-cultural. Pensar nas diferenças físicas e nas questões sociais que balizam determinados conceitos e concepções faz com que a preocupação do adolescente seja significativa.

Para Baleeiro e colaboradores (1999) a nova imagem corporal do adolescente pode ser motivo de orgulho ou de sofrimento para ele, na medida em que sua aparência se aproxima ou se afasta dos padrões considerados apropriados pelo seu grupo.

Outro fator considerado é a influência da mídia na percepção do adolescente. Ela está presente no cotidiano do adolescente através de recursos audiovisuais de fácil assimilação. Strasburger (1999), em seu livro *Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico*, tece sua fala entre vários temas relacionados, sobre a influência da mídia na adolescência, o da sexualidade, onde chama a atenção em relação à exploração da imagem do corpo perfeito, belo e porque não dizer 'saudável', explícito e valorizado em comerciais dos mais diferentes produtos, nos programas, filmes, revistas, outros.

Os valores culturais cobram dos adolescentes com deficiência ou não determinados padrões estéticos e de comportamento, exigindo um corpo 'perfeito' e em 'ordem'. O jovem deficiente terá então que interagir com o meio social, buscando corresponder às expectativas, vivenciando situações positivas e negativas, a aceitação e rejeição social pontuado pela sociedade.

A prática de atividade esportiva busca superar as situações negativas, aumentando a participação da pessoa na sociedade, viabilizando sua identidade social. As pessoas com deficiência física que participam desta prática tomam consciência de suas limitações e suas potencialidades, possibilitando o desenvolvimento da autoimagem, da autoestima e da autoconfiança, estimula a independência e a interação social.

Para Tavares (2003) as atividades artísticas, vivências corporais individuais ou em grupo, esportes, ginástica e práticas sistemáticas de atividade física, entre outras, ampliam as possibilidades de novas percepções e movimentos, novas alternativas para optar em cada circunstância da vida, implicando no dinamismo do processo de desenvolvimento da imagem corporal.

Este trabalho teve como objetivo investigar as influências da prática da atividade esportiva no desenvolvimento da imagem corporal de adolescentes com deficiência física e instigar reflexão interdisciplinar sobre a inclusão social de adolescentes com deficiência física em escolas e clubes esportivos da comunidade em que estão inseridos.

## 2- REVISÃO TEÓRICA

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente ( Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990), a adolescência é compreendida entre 12 e 18 anos de idade, período no qual acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais (CHIESA; CRUZ, 1999).

O corpo, neste curto período do desenvolvimento, sofre transformações significativas em suas estruturas físicas marcadas pela puberdade, pelas quais a percepção da imagem corporal se modifica. Para Baleeiro e colaboradores (1999) a nova imagem corporal do adolescente pode ser motivo de orgulho ou de sofrimento para ele, na medida em que sua aparência se aproxima ou se afasta dos padrões considerados apropriados pelo seu

grupo. Nesta fase qualquer rótulo que lhe é colocado provoca um sentimento de inferioridade e de rejeição. O delineamento das formas de seu corpo, masculino ou feminino, é uma preocupação.

O adolescente começa a perceber aspectos de seu corpo que o levam a concluir se o mesmo corresponde ou não ao corpo idealizado para si e também para o grupo de iguais. A imagem corporal passa a ser alvo de preocupação e valorização, associada às transformações corporais desta fase, o jovem idealiza para si os padrões de beleza que são estabelecidos em seu meio sociocultural. Carvalho e Pinto (2002) citam que o referencial grupal do adolescente atua como um elemento facilitador para a aceitação de sua nova condição de ex-criança e quase adulto junto aos seus iguais, que vivenciam a mesma situação. Os adolescentes se ajudam e se apoiam mutuamente frente às dificuldades, mas também excluem aqueles que, por algum motivo, não se encaixam nos padrões que eles estabelecem.

Viver, conviver, pensar, sentir e agir são formas de movimento e de presença corpórea que caracterizam a existência humana. Para Tavares (2003) o sujeito constrói sua identidade corporal baseado na vivência de suas sensações. Como a imagem corporal é a representação mental desta identidade corporal, ao ampliar a compreensão sobre a dimensão de cada percepção no contexto existencial do homem, poderemos olhar sob novas perspectivas o desenvolvimento da identidade corporal e de sua imagem. Campana e colaboradores (2009) citam que é no corpo existencial que se inscrevem nossos afetos, nossas experiências, nossas vulnerabilidades, potencialidades e limitações. Para Ribeiro (2009) o desenvolvimento da Imagem Corporal implica em: desenvolver a percepção de partes do corpo; reconhecer e valorizar as sensações corporais; gostar mais do corpo; ter mais satisfação com o corpo, reconhecer o corpo como ele realmente é; ou descobrir as possibilidades do corpo ampliando suas possibilidades de ação.

Em uma perspectiva mais ampla, o adolescente além de enfrentar as vicissitudes próprias da idade, defronta-se com as rápidas transformações do mundo contemporâneo. Sofre influências dos meios de comunicação em massa, provocando mudanças de valores do convívio social, levando o indivíduo a uma ascensão ao individualismo e valorização do supérfluo, aonde a solidariedade e o respeito mútuo nas relações sociais vão sendo cada vez mais escassos. Para Hetkowsiki e Geweh (2004) a maneira tendenciosa de agir os meios de comunicação de massa é sentida em toda a sociedade, que se vê fortemente tendendo ao consumo, a competição, ao inútil, à falta de clareza quanto as suas necessidades reais, sendo os adolescentes também alvos desta tendência social. Há um ciclo vicioso de interferências entre a mídia e o adolescente, pois os adolescentes assimilam suas tendências e exigências, traduzem-nas para uma linguagem tribal e as devolvem à sociedade.

Alberto (2007) cita que as emoções, pensamentos e determinadas atitudes estão cotidianamente respaldadas por um aparato social ditando as regras. A autora reforça que não há uma imagem corporal coletiva, mas todos os indivíduos constroem a sua imagem corporal em contato com os outros, com o mundo, em uma troca contínua.

Pode-se perceber que os meios de comunicação em massa influenciam na imagem corporal do adolescente, ditando regras, mudanças de valores e de comportamento nos diferentes contextos sociais.

Ribeiro (2009) ao pesquisar as contribuições de Seymour Fisher em relação a imagem corporal relata que o mesmo afirma que, a cultura de um povo exerce influência na forma como a pessoa nela inserida deve cuidar de seu corpo e apresentá-lo aos que o cerca para que ele se apresente “certo” e “bom”. Se a satisfação com o corpo se relaciona com a autoestima, fica mais fácil entender o porquê desta busca por um corpo que o “faz bem”.

Siqueira (2010) descreve a autoestima como necessidade humana, essencial a uma adaptação saudável, associada com satisfação pessoal e funcionamento ideal. Faz parte de um conjunto de características e atitudes internas do indivíduo, sendo ela aprendida. A autoestima se manifesta e se desenvolve no contexto da vida social, como a família, a escola e o trabalho. A autoestima é constituída por fatores internos: crenças, idéias e fatores externos: mensagens transmitidas e experiências produzidas pelas pessoas significativas (pais, professores, outros), pelas organizações e pela cultura.

Para Gallahue e Ozmun (2003) a autoestima é o valor que o indivíduo atribui as suas características peculiares, atributos e limitações. Enquanto o autoconceito é a percepção que o indivíduo tem de si, a autoestima é o valor que o indivíduo atribui a estas percepções. Complementando Baleeiro et al. (1999) definem autoconceito como a percepção, consciente e inconsciente, de quem somos. Inclui a representação mental ou imagem que temos do nosso corpo, das nossas características físicas e psicológicas, das nossas possibilidades e limites, bem como a avaliação que fazemos do que somos.

De acordo com Souza (2001) as pessoas com elevado autoconceito mais facilmente acreditam serem capazes de superar suas dificuldades. Ele relata que um dos objetivos do esporte e do lazer para pessoas com deficiência têm como propósito elevar o autoconceito. O processo de aprendizagem e a constatação do aprimoramento das técnicas, do condicionamento físico, das regras dos jogos e das brincadeiras, das funções e efeitos psíquicos e sociais da prática regular da atividade física orientada, devem ser parte integrante do processo de elevação do nível de aspiração desta clientela especial.

A competência motora desempenha papel positivo no desenvolvimento do autoconceito. Gallahue e Ozmun (2003) relatam que a soma das experiências de vida e dos sentimentos da pessoa a respeito dessas experiências contribuem para esse modelo

mental. Que ao fazer escolhas, tentativas, experimentar e explorar, descobrimos quem somos, o que podemos e o que não podemos fazer.

Considerando a adolescência uma fase de busca e aceitação social, a questão do jovem com deficiência merece melhor atenção. Amaral (1988, 1998) diz que são vários os sentimentos que as pessoas desenvolvem frente à deficiência, que na maioria das vezes se caracterizam negativamente, construídos ao longo do tempo. Estes podem ser de proteção, rejeição, negação, repulsa, vergonha, compensação, compaixão entre muitos outros.

Para que adolescência seja vivida positivamente, o jovem deve desfrutar de um ambiente onde a deficiência não seja o foco de preocupações, onde o ambiente familiar e sociocultural seja imbuído de valores positivos.

Favorecer a participação do adolescente com deficiência na sociedade em diferentes contextos, como o esportivo, é fazer valer o princípio da inclusão que Aranha (2001) conceitua o processo da inclusão como um processo de ajuste mútuo, onde cabe a pessoa com deficiência manifestar-se com relação aos seus desejos e necessidades e à sociedade, a implementação dos ajustes e providências necessárias que a ela possibilitem o acesso e a convivência no espaço comum.

Souza (1994) relata que a vivência da pessoa com deficiência no esporte permite a este visualizar um caminho positivo para a sua vida, direcionando-o no seu comportamento em relação à sua personalidade, à sua vida em sociedade e outros aspectos.

De uma forma geral as pessoas com deficiência física devem ser estimuladas a praticar atividades esportivas, procurando assim tomar consciência de suas limitações, mas também de suas potencialidades. Cada tipo de deficiência física apresenta características peculiares que devem ser levadas em consideração. Quando necessário para a participação efetiva de todos na prática esportiva, deve-se fazer adaptações e/ou

modificações no ambiente, dos materiais, regras entre outras. O favorecimento de atitudes não preconceituosas e com valores positivos se faz necessário. O ambiente esportivo como as pessoas que neste estão inseridas, devem fazer seus ajustes, incluindo a pessoa com deficiência. É este ajuste que beneficiará o processo de inclusão.

Segundo Freitas e Cidade (2002) os objetivos das atividades físicas para os deficientes físicos devem englobar o desenvolvimento da autoimagem e da autoestima; estimular a independência e a interação com outros grupos; ampliar a experiência intensiva com suas possibilidades e limitações; vivência de situações de sucesso, possibilitando a melhoria da autovalorização e autoconfiança.

### 3- MÉTODO

Esta pesquisa qualitativa foi realizada em um município do Sul de Minas Gerais e se caracteriza por um estudo de dois casos.

Dentro dos critérios da escolha dos sujeitos da pesquisa, foram contatados adolescentes com deficiência física que desenvolviam atividades esportivas em locais comuns a esta prática e não em instituições especializadas no atendimento às pessoas com deficiência; que não apresentassem outro tipo de deficiência associada; e que as práticas esportivas fossem orientadas pelo profissional de Educação Física.

A coleta de dados foi realizada a partir da observação direta dos sujeitos em suas atividades físicas e de entrevista semi estruturada com os adolescentes, sujeitos da pesquisa, nos locais onde os mesmos realizavam suas práticas esportivas. As entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas e as observações descritas simultaneamente.

Durante a entrevista com a participante do sexo feminino, sua mãe estava presente e ao seu lado. Por vezes respondia as perguntas

direcionadas à adolescente. Foi observada cumplicidade e forte laço afetivo entre as duas e considerou-se importante registrar também a fala da mãe, apesar de não ter sido intenção de pesquisa entrevistá-la.

Em nenhum momento a família do adolescente do sexo masculino esteve presente, os dados sobre as relações familiares foram coletados na entrevista com ele.

Os registros foram cuidadosamente analisados levando em consideração as relações dos participantes com os membros do grupo das práticas esportivas; a família; a relação de cada professor de educação física com os adolescentes pesquisados; e a interação dos sujeitos com a atividade esportiva.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie, processo CEP\UPM nº 473\02\04, obtendo aprovação.

O sujeito 1 – S1 uma adolescente de 14 anos, sexo feminino, estudante da rede pública de ensino regular, realiza atividade de natação duas vezes por semana, apresenta seqüela de mal formação congênita dos membros superiores, focomelia, devido ao uso de amida nftálica do ácido glutâmico (Talidomida) durante a gestação materna.

O sujeito 2 – S2 é um adolescente de 12 anos de idade, sexo masculino, estudante na rede particular de ensino regular, realiza atividade de futsal três vezes por semana, é um caso de picnodisostose como baixa estatura, fragilidade óssea, exoftalmia bilateral, fronte ampla, braquicefalia, e bradactilia, entre outras.

### 4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor compreensão da análise e discussão dos dados coletados, dividimos os resultados em três categorias principais e duas subcategorias: categoria 1 – percepções sobre o desempenho funcional; categoria 2 – percepções acerca da imagem

corporal; categoria 3 – relações sociais; subcategorias atitudes favoráveis à inclusão; atitudes desfavoráveis à inclusão, ambas referentes aos amigos, professor e a família.

#### Categoria 1: Percepções sobre o desempenho funcional

Em relação às percepções do desempenho funcional podemos afirmar que as atividades esportivas abrem perspectivas em relação às novas percepções e movimentação com o corpo. O que antes parecia difícil ou impossível, parece ter novas possibilidades funcionais ou de ajustamento para a melhor independência e realização com o corpo.

S1 relata que seu objetivo em realizar a prática esportiva era para melhorar seu desempenho, seu crescimento, emagrecer como também de melhorar a competência motora dos braços e mãos comprometidos pela deficiência. Assim ao realizar a natação disse que alcançou seus objetivos se tornando mais independente e habilidosa.

S2 revela que seu corpo se adaptou a prática esportiva, ficando mais forte e resistente, relatando que quando vai jogar futsal tem mais disposição física.

Freitas e Cidade (2002) citam que as atividades motoras para o deficiente físico proporcionam uma melhoria nas condições orgânicas e funcionais como também melhoram o condicionamento físico e as habilidades motoras.

#### Categoria 2: Percepções acerca da imagem corporal

A imagem corporal é o reflexo da história de vida, da relação com o mundo, é como nos sentimos, nos movimentamos, nos vemos e nos percebemos.

Quando Gallahue e Ozmun (2003) definem a autoestima como valorização que atribuímos a nós mesmos e o autoconceito como sendo a percepção que temos de nós. Percebeu-se que tanto S1 como S2, atribuíram valores a si próprios como também tinham noção de suas potencialidades e limitações, e reconheceram que a prática esportiva favoreceu consideravelmente estas percepções.

Ao perguntar a S1 se ela tinha conhecimento de suas potencialidades para nadar ela diz: “Acreditava, mas não sabia como, né.” A percepção de seu corpo deficiente era evidente, mas acreditava em suas potencialidades e tinha perspectivas para um futuro, percebe-se que havia prazer e motivação em praticar natação. “(...) porque a gente pode ser um atleta no futuro. Eu gosto de fazer, que o esporte é bom. Falo pros meus amigos fazerem também (...).

S2 demonstrava ter uma visão íntima e um julgamento de si próprio que sugerem aspectos positivos à sua autoestima. Quando perguntado como ele se relacionava e percebia seu corpo antes da prática esportiva, apesar de realizar desde criança, ele responde: “ah, eu nunca percebi, sei lá achava que eu era... não, eu sou feliz, não sou igual aos outros, mas eles também não me criticam porque eu sou menor que eles, eles me tratam como eles, igualzinho.”

No primeiro dia do treino de S2, observou-se que nas ‘divididas de bola’ ele tinha iniciativa e enfrentava o adversário em algumas situações, havendo outras que preferia ficar de fora, agindo com cautela, evitando traumatismo devido a sua fragilidade óssea.

Gallahue e Ozmun (2003) citam que ao fazer escolhas, tentativas, experimentar e explorar, descobrimos quem somos, o que podemos e o que não podemos fazer. Ou seja, que por meio de nossas experiências contribuiremos para a formação e estruturação de nossas identidades. Complementando esta afirmação, trago a fala de Tavares (2003) que diz que o sujeito constrói sua identidade corporal baseado na vivência de suas sensações,

sendo a imagem corporal a representação mental da identidade corporal.

### Categoria 3: Relações sociais

A sociedade constrói suas regras, padrões e normas estabelecidas em suas relações sociais. Segundo Saeta (1999) as expectativas ligadas às exigências do meio, são as que vão determinar as diferenças entre as pessoas deficientes e as não deficientes. Sendo estas expectativas reflexos das relações sociais, econômicas e ambientais do grupo.

Com o surgimento do processo de inclusão social, a sociedade busca se organizar para promover a igualdade de oportunidades para todos, pois se trata de um processo de ajuste mútuo entre as pessoas com deficiência e o meio social. Porém ainda existem barreiras que precisam ser eliminadas para que o processo ocorra não só no aspecto legal, mas na vida prática destas pessoas.

Serão analisadas e discutidas algumas atitudes favoráveis e não favoráveis ao processo de inclusão em relação aos dois casos.

#### Atitudes favoráveis a inclusão

Em relação aos amigos observa-se a importância da atividade esportiva para o desenvolvimento das relações sociais e afetivas entre os adolescentes.

Ao observar S2 e seus amigos durante o treino, percebeu-se que o relacionamento do grupo mostrava-se harmonioso. Eles brincavam, conversavam, discutiam sobre o jogo, assistiam televisão após os treinos no bar do clube, havendo interação e um compartilhar de idéias e interesses.

Saber que é aceito pelo grupo é muito importante para os adolescentes, pois estes estão em busca de sua identidade social, necessitando adaptar-se. No grupo eles compartilham

interesses e necessidades. Segundo Carvalho e Pinto (2002) o referencial grupal do adolescente atua como um elemento facilitador e protetor na sua conquista pelo seu espaço na sociedade.

S1 percebe que praticando esporte, se sente mais autoconfiante, há uma valorização quanto a sua competência ao nadar diante dos amigos. Ao superar a expectativa que os jovens nutrem por ela, ampliam suas relações sociais com os mesmos, favorecendo sua aceitação por parte do seu grupo de amigos. Ao observá-la percebeu-se que apesar de sua timidez, interagiu com os amigos e procurava não se isolar. Sua maneira de agir e de se expressar a deixava a vontade no grupo. Geralmente um colega iniciava a conversa, mas a partir daí, mantinham diálogo natural.

Quanto ao professor de Educação Física, este tem um papel de destaque, pois ao ter um aluno com deficiência em suas aulas o mesmo terá que promover no grupo atitudes de respeito, impedindo o desenvolvimento de atitudes preconceituosas e estigmatizantes. Deve evitar situações que evidenciem a deficiência física, para que não sejam atribuídos valores de inferioridade ou de menos valia devido ao estereótipo do adolescente com deficiência física.

Ao ministrar as aulas, o professor terá como objetivos o desenvolvimento motor, psicológico e emocional, orgânico, funcional e social através da prática esportiva.

Durante as observações, constatou-se que o professor de S2, procurava desenvolver em seus treinos atividades objetivando o condicionamento físico de seus alunos, seja através de exercícios individualizados, corrida e outras atividades que também potencializam suas habilidades motoras. Esteve sempre observando o desenvolvimento do jogo, fazendo críticas e orientações. Discutia com seus alunos os erros e acertos das jogadas, proporcionando uma aprendizagem reflexiva e compartilhada. Neste momento a socialização também acontecia, todo o grupo participava e S2 configurava-se como parte efetiva do grupo.

No caso de S1 em relação ao professor atual, ela relata não ter percebido nenhuma dificuldade com ela, que se sentia tratada como os demais alunos.

A relação entre o professor e aluno deve ser de respeito e confiança, é ele quem será o mediador do grupo e das relações que vão se estabelecer. O professor ao conversar com o aluno em seu primeiro contato deve procurar não focar a deficiência, e sim criar um ambiente positivo e saber que ali tem um ser com expectativas em relação ao esporte, ao novo grupo de pessoas que são os alunos e em relação a ele.

O vínculo com a família é importante, um ambiente familiar onde se desenvolve valores positivos, faz com que o jovem se sinta mais seguro e confiante em suas relações.

O Instituto de Ação Social do Paraná (2006) enfatiza que ser adolescente na sociedade contemporânea exige enfrentamento de uma série de situações que dependerá das vivências e do meio que ele esteve e está inserido. No que tange aos aspectos sociais, cada adolescente reagirá de forma diferente a dadas situações, influenciado pelas situações vividas de sua história de vida. Neste contexto é importante que os adultos, familiares, professores e outras profissionais incentivem atividades nas quais os adolescentes vivenciem sentimentos de autonomia e valorização.

A decisão de S2 em praticar esporte partiu de seu interesse e do incentivo familiar, pois sua mãe é professora de Educação Física e sabe dos benefícios do esporte para seu filho. É também importante a forma como ela lida com as questões da deficiência de seu filho, pois sua atitude é de incentivo, ao esclarecer a S2 sobre a atividade esportiva de futsal e as possibilidades dele praticar. Por sua vez, seu pai compartilha com ele momentos de diálogo e de prazer conversando sobre futebol. É um momento de interação entre os dois, mais íntimo e saudável, o que facilita suas relações sociais fora do ambiente familiar. Vejamos sua fala: “ah! Eu sempre gostei de futebol, desde quando eu era

pequenininho, aí minha mãe me explicou que tinha escolinha assim, aí eu achei legal, (...) em casa, meu pai também joga futebol e aí eu fico conversando de como é que eu fiz gol, assim às vezes e aí ele me conta como ele fez o gol lá no futebol dele. E aí a gente fica conversando(...)

A iniciativa para que S1 fizesse natação também partiu da família, mais especialmente de sua mãe. Além disso, ela sempre acompanhava S1 em suas aulas, mesmo se sentindo insegura em relação ao fato que algo pudesse acontecer. Diante da observação de ver sua filha nadar, seu incentivo aumentou e em consequência a motivação também, o que antes gerava insegurança, passou para confiança, o que muito ajuda S1 a se sentir mais segura e confiante.

#### Atitudes desfavoráveis à inclusão

Nada foi observado ou relatado em relação aos amigos sobre qualquer situação não favorável à inclusão tanto para S1 quanto para S2. Ambos estão incluídos em seus grupos de atividades esportivas. Talvez fosse necessário um período maior para constatar situações negativas neste sentido.

S2 relata que joga bola desde sua infância, e que a maioria de seus colegas eram também colegas de escola, apesar de ter ampliado sua ‘rede de amizades’, ter colegas já conhecidos no grupo, pode ter facilitado sua interação no mesmo.

Quanto à S1, pode até ser que quando iniciou sua prática de natação, as pessoas a olhassem de maneira diferenciada, pois um estereótipo diferente chama a atenção, mesmo que seja por alguns momentos, mas nada disso foi revelado durante a entrevista.

Quanto às atitudes dos professores, nada foi observado em relação ao que lidava com S2, porém com S1, algumas situações me chamaram a atenção. Ela se relacionou com três professores. A primeira professora foi muito

boa, segundo relato de S1 e sua mãe. Era atenciosa e dava a ela um tratamento igualitário, sem privilégios. Mas ela foi embora, mudou de emprego e de cidade. Outro professor foi contratado, e então ela parou a natação, ele não a aceitou em suas aulas.

Não é pretensão aqui emitir juízo de valor em relação ao segundo professor, mas vou levantar algumas hipóteses em relação a sua atitude.

A primeira hipótese é que este poderia ter falta de conhecimento para desenvolver métodos didáticos diferenciados adequando suas aulas de natação, levando-o a não aceitá-la. A outra hipótese é que ao vê-la, fez com que despertasse em si, sentimentos negativos frente à deficiência, e com isso a excluiu de suas aulas.

Em relação aos métodos didáticos, Baumel e Castro (2002) dizem que o professor reflexivo em sua prática deve ter como competências: a criatividade ou utilizar diferentes meios de ensino; adotar um planejamento flexível; improvisar, no sentido de uma prática reflexiva, seu planejamento em relação às necessidades de seus alunos. Xavier (2002) atenta para o papel do professor quanto à mudança pedagógica e o exercício de seu papel de agente de transformação social.

Em relação às questões emocionais do professor, Amaral (1988, 1998) refere-se aos vários sentimentos negativos que surgem frente à deficiência, entre eles: a repulsa, a negação e a rejeição. Tais sentimentos se transformam em atitudes, muitas vezes proporcionando ao deficiente a exclusão do contexto social.

Algumas questões familiares de S1 em relação à prática esportiva foram observadas. A família se sente insegura, gerando um ambiente inseguro, proporcionando uma maior dificuldade para inclusão em um ambiente fora da família, afetando o nível de confiança em si própria. Ao pensar na atividade de natação, o pai teve medo que ela se afogasse. Resolveu então comprar uma piscina e colocou no quintal de sua casa. Após adaptá-la no meio aquático e

constatar que ela estava apta a aprender a nadar, seu pai se sentindo mais seguro, passou a incentivá-la e a colocou na natação. Por sua vez, a mãe acreditava que ela tinha capacidade para nadar, mas havia algum motivo, que não tive como identificar com os dados colhidos, provocando-lhe insegurança, medo e receio. A mãe se emociona ao contar sua sensação quando viu sua filha nadar. “(...) não tem como ficar sem a natação, para ela foi muito bom. Levantou a autoestima dela. Ela achava que não tinha capacidade, eu até não via ela nadar, eu morria de medo. Mas o dia que vi ela nadar, nossa menina! Ela tem capacidade e muito, e como tem! Tanto é que quando o professor estava colocando ela lá no meio da piscina né, para atravessar, já atravessando. O professor perguntou: - a mãe não vai olhar? Eu dizia: eu estou meia cismada. Mas o dia que vi, menina, fiquei boba né, ela estava que nem um peixinho, e até hoje ela tem capacidade.”

A prática esportiva, neste caso, interferiu na mudança de conceitos desta família. Foi necessário que S1 experimentasse novas sensações e movimentos com seu corpo, para que se percebessem novas possibilidades. A família que antes tinha receio e medo, hoje a incentiva a continuar. Caso esta insegurança tomasse proporções maiores, provavelmente a família poderia agir de maneira a isolar S1 de um convívio em outros contextos sociais, com a intenção de protegê-la. Também poderia interferir na formação de seu autoconceito e autoestima por impedi-la de vivenciar situações novas.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso desta pesquisa, foram expostas reflexões fundamentadas em diversos teóricos e desenvolvidas a partir da análise das observações e das entrevistas dos dois adolescentes participantes deste estudo e do contexto onde estavam inseridos.

A atividade esportiva possibilita aos jovens com deficiência novas percepções e movimentos com o corpo, implicando além de outros aspectos, no desenvolvimento da imagem corporal, autoconceito, autoestima e na interação social.

Considerando o conceito de inclusão, buscou-se para o desenvolvimento desta pesquisa, adolescentes que realizassem atividades esportivas em locais comuns a todos, ou seja, que não fosse em instituições especializadas no atendimento de pessoas com deficiência.

Ao analisar e discutir os dados da pesquisa, foi constatado que os dois adolescentes ao realizarem esporte, mudaram seus próprios conceitos, sofreram influências positivas em suas percepções corporais, proporcionando benefícios em relação à imagem corporal, competência motora, autoconceito e autoestima. Estes adolescentes, após iniciarem a prática esportiva, ampliaram suas relações de amizade com outros jovens, e por sua vez, estes jovens têm a oportunidade de conviverem com a diversidade em um ambiente de valores positivos.

O papel do professor na motivação e no incentivo destes jovens ao estarem praticando esportes é importante para a confiabilidade da família e o desenvolvimento do aluno. O professor é o mediador das relações do grupo, proporcionando um ambiente ético e de respeito entre seus membros. Seu conhecimento é necessário ao trabalhar com as pessoas com deficiência, para não trazer danos secundários a estes. A flexibilidade para o planejamento e didática em suas aulas deve estar presentes.

Os pais apresentam anseios e às vezes insegurança em relação aos seus filhos e a prática esportiva, em relação aos dois casos pesquisados, influenciou positivamente os laços familiares, como também na mudança de conceito destas famílias em relação à deficiência.

Este estudo não tem a pretensão de esgotar o assunto, acredita-se que poderá

contribuir para outras investigações, como também, para despertar nos profissionais da área, o interesse de desenvolver atividades esportivas com adolescentes com deficiência física em locais comuns a esta prática, viabilizando o processo de inclusão.

## 5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, V. **Imagem corporal: corpo linguagem**. Dissertação de Mestrado do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

AMARAL, L. A. **Do Olimpo ao mundo dos mortais ou dando nome aos bois**. São Paulo, Edmetec, 1988

AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**, São Paulo, Summus, 1998

ARANHA, M. S. F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Ano XI, n. 21, p. 160 – 173, 2001.

BALEEIRO, M. C.; SIQUEIRA, M. J.; CAVALCANTE, R. C.; SOUZA V. **Sexualidade do Adolescente: fundamentos para uma ação educativa**. Salvador, Fundação Odebrecht, 1999

BAUMEL, R. C. R. C.; CASTRO, A. M. Formação de Professores e a Escola Inclusiva: Questões Atuais. **Revista integração**, ano 14, n. 24, p. 6 – 11, 2002

CAMPANA, A. N. N. B.; CAMPANA, M. B.; TAVARES, M. C. G. C. F. Escalas para avaliação da imagem corporal nos transtornos alimentares no Brasil. **Aval. Psicol.**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, 2009.

CARVALHO, A.; PINTO, M. V. - Ser ou não ser... Quem são os adolescentes? Navegar é preciso. In: CARVALHO, A.; SALLES, F.;

- GUIMARÃES, Org. **Adolescência**. Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 11-29, 2002
- CHIESA, R. F.; CRUZ, E. O. A contribuição das atividades físicas e artísticas na relação adolescência e família. **Psicologia: teoria e prática**. v. 4 n. 2, p. 49 – 56, 2002.
- FREITAS, P. S.; CIDADE, R. E. Desporto e deficiência. In: FREITAS, P. S. (org.) **Educação física e esportes para deficientes: coletânea**. Uberlândia, UFU, p. 25-40, 2002
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo, Phorte Editora, 2003
- HETKOWSKI, T. M.; GEWEHR, R. B. A influência da Globalização dos produtos de consumo na formação da personalidade dos adolescentes. Disponível em <http://www.unoescjba.rct-sc.br/~hetk/producoes/artigos/artigo2.htm> [citado em 26 Janeiro 2004]
- INSTITUTO DE AÇÃO SOCIAL DO PARANÁ. **Compreendendo o adolescente. Cadernos do IAPSP**, Imprensa do Paraná, Curitiba, 2006.
- RIBEIRO, P. R. L. **As contribuições de Seymour Fisher para os estudos em Imagem Corporal**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física\Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, [Sn], 2009.
- SAETA, B. R. P. O contexto social e a deficiência. **Psicologia: teoria e prática**, v. 1, n. 1, p. 51 – 55, 1999.
- SIQUEIRA, N. F. **Avaliando a autoestima de adolescentes com epilepsia**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Médicas\Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [Sn], 2010.
- SOUZA, P. A. **O esporte na paraplegia e tetraplegia**. São Paulo, Guanabara Koogan, 1994
- SOUZA, P. A. Introdução. In: **Lazer, atividade física e esporte para portadores de deficiência**. Brasília: SESI-DN: Ministério do Esporte e Turismo, p: 11-18, 2001
- STRSBURGER, V. C. **Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico**. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999
- TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri, SP, Manole, 2003
- XAVIER, A. G. P. Ética, técnica e política: a competência docente na proposta inclusiva. **Revista Integração**, v. 14, n. 24, p 18 – 21, 2002.